
**REFLEXÕES SOBRE FONTES HEMEROGRÁFICAS NA
PRODUÇÃO DO SABER HISTÓRICO:
SUGESTÕES PARA O TRABALHO HISTORIOGRÁFICO**

Willian do Nascimento Sampaio

Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), bolsista PRAE/UECE. Integrante do grupo de pesquisa em Práticas Urbanas- GPUR, atuando no eixo de Hábitos e costumes.

REFLEXÕES SOBRE FONTES HEMEROGRÁFICAS NA PRODUÇÃO DO SABER HISTÓRICO: SUGESTÕES PARA O TRABALHO HISTORIOGRÁFICO**REFLEXIONES ACERCA DE LAS FUENTES HEMEROGRAFICAS EN LA PRODUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO HISTÓRICO: SUGERENCIAS PARA EL TRABAJO HISTORIOGRÁFICO**

Willian do Nascimento Sampaio

RESUMO

O objetivo desse trabalho é compreender as problemáticas que envolvem o uso das fontes hemerográficas na produção do saber histórico e lançar sugestões para trabalhar com tal fonte. A metodologia de trabalho utilizada foi a problematização sistemática do tema, buscando elucidar o mesmo com base em referenciais teóricos. O objeto de pesquisa surgiu a partir do Seminário da disciplina de Introdução aos estudos históricos que teve por objetivo de fazer os alunos entrarem em contato com as fontes e as questões que as envolvem. Por fim, apontam-se formas de tratamento, mecanismos de constituição destas fontes (tais como seus textos e contextos), procedimentos de análise e reflexões sobre o papel do historiador.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes, Periódicos, Produção histórica, Método.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es comprender los problemas relacionados con el uso de las fuentes hemerográficas, en la producción de conocimientos históricos y lanzar sugerencias para trabajar con una fuente de este tipo. La metodología utilizada fue el cuestionamiento sistemático del tema, buscando aclarar el mismo con base en los marcos teóricos. El objeto de la investigación surgió por cuenta de un seminario de la disciplina de Introducción a los estudios históricos que tenían como objetivo hacer que los estudiantes fueren buscar el contacto con las fuentes y los temas que se acercan. Por último, se señaló formas de tratamiento, los mecanismos de formación de estas fuentes (como sus textos y contextos), los procedimientos de análisis y reflexiones sobre la función del historiador.

PALABRAS CLAVES: Fuentes, Periódicos. Producción histórica, Método.

INTRODUÇÃO

Fontes hemerográficas são aquelas cujo suporte material se constitui de textos impressos, ou publicados por outros meios (como os virtuais), em forma de periódicos (jornais, revistas, outros) e que são utilizadas como fonte na pesquisa histórica. A imprensa enquanto objeto de investigação e fonte de pesquisa apresenta muitas problemáticas. De forma geral, ela ao mesmo tempo ajuda a construir e desconstruir; ao mesmo tempo informa e omite. Diante disso, o historiador deve ter certos cuidados ao lidar/trabalhar com esse tipo de fonte.

Intento aqui desenvolver algumas reflexões sobre este tipo de fonte ou documento, alinhavar algumas posturas possíveis no trabalho do historiador e contribuir com a reflexão sobre o os muitos aspectos de nosso *metier*.

FUNÇÃO DO JORNALISMO

A função do jornalismo pode ter varias definições diferentes que estão intrinsecamente ligadas. Portanto, citarei, no primeiro instante, o jornalismo na sua dinâmica mais cotidiana, em outras palavras, o processo de produção e transmissão dos produtos finais. Esse leva, periodicamente, informações para todos os tipos de pessoas, nas mais variadas formas.

Agora, esse esforço desde a procura, produção e chegada aos consumidores finais têm por objetivo em um primeiro momento, de comunicar e atualizar o leitor. No entanto, seria ingênuo acreditar que uma notícia e quem a produziu têm apenas o interesse, rotineiro, de atualizar as pessoas. Quer dizer, temos de partir do pressuposto de que a neutralidade não existe, pois a empresa que comunica assim como quem nela produz a notícia está inserida numa época e num contexto onde atuam várias forças. Ainda mais, quem escreve, escreve para um público alvo e com intenção de influenciar na vida desse público através da comunicação. Vejamos uma definição de comunicação, para iniciarmos:

Nosso objetivo básico na comunicação é tornamo-nos agentes influentes, é afetarmos outros, nosso ambiente físico e nós próprios, é tornarmo-nos agentes determinantes, é termos opção no andamento das coisas. Em suma nós nos comunicamos para influenciar- para afetar com intenção. (AMARAL, 1978, p.15).

Contudo, é preciso ir além dessa conclusão para relativizar a compreensão. Em primeiro lugar, nunca conseguimos perceber todos os componentes de qualquer processo. Aqui, estamos analisando um elemento. Porém, mesmo isolando esse componente e deslocando todos os esforços para entendê-lo, ainda não conseguiríamos dar conta de todos os elementos com ele relacionados. Ou seja, não conseguimos compreender qualquer processo em sua totalidade e nem os elementos dele isolados, isso não quer dizer que não sabemos nada.

Neste trabalho, existem dois processos que se complementam e um elemento presente em ambos. Em outras palavras, o elemento são os periódicos que compõem o processo de comunicação e da produção do saber histórico. No primeiro processo Berlo¹ (1960, p. 36) classifica os ingredientes da comunicação em "1) a fonte da comunicação; 2) o codificador; 3) a mensagem; 4) o canal; 5) o decodificador; 6) o receptor da comunicação", desses elementos os periódicos são os canais, porém, os canais muitas vezes podem aglutinar outros elementos. Para o anunciante, fonte da informação, o periódico é o canal, que transporta a informação, mas para o consumidor final da notícia, o periódico é fonte, codificador e mensagem. De acordo com Berlo (1960, p. 68), "podemos considerar os canais pelo menos de três ângulos: como mecanismo de ligação, como veículos, ou como transportadores de veículos". O segundo processo é a produção do saber histórico, que envolve o sujeito (o pesquisador), o objeto de investigação, os fatores que o levaram a tal pesquisa, os aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos no trabalho, documentos para pesquisa, fatores que o levaram ou o desestimularam a concluir o trabalho e etc. Nesse caso, os periódicos são utilizados como fonte ou/e objeto de pesquisa.

Cabe ao historiador, submeter os periódicos a uma metodologia e análise crítica para identificar qual a intenção da empresa jornalística com a notícia produzida, além disso, é prudente conceber os periódicos como veículos que tanto afetam como são afetados pelo

¹ Na sua obra "O processo da comunicação", David K. Berlo faz análise teórica decompondo e explorando cada elemento da comunicação.

meio, ou seja, eles não são atores passivos de uma época remota ou recente, ao contrário, buscam influir no curso dos acontecimentos.

O JORNALISMO POSSUI FUNÇÃO POLÍTICA

Começemos assim, o jornalismo é uma empresa com diversas funções, inclusive política. Imediatamente, vale ressaltar que o grau de pressão política pelo governo e outros grupos variam de acordo com a época e contexto da empresa. Pois, ela pode ser de capital privado, público ou misto e estar inserida num regime ditatorial, republicano, democrático, socialista etc. Nesses casos, a intensidade de força política da empresa depende das relações de forças internas e externas. Ainda mais, a política, como quaisquer outras forças nas sociedades, influencia em algum ponto em qualquer coisa, levando em consideração que tudo está interligado. Quer dizer, o jornal não escapa a essa "lei". Logo, por menos politizado que o veículo pareça ser, em algum momento ele não escapa do discurso político, ainda que de forma inconsciente. Veja a definição de Luiz Amaral (1978, p.17), "Por função política, entendem-se os meios de informação, em sua ação crescente, como instrumento de direção dos negócios públicos, e como órgãos de expressão e de controle da opinião publica".

Os periódicos em sua maioria, a partir do século XX, são cada vez mais produzidos em massa para públicos diversos. Os governos e vários outros grupos sociais veem neles uma forma de propagarem suas ideias. A partir daí, sutilmente através da escrita, nas entrelinhas das matérias impressas, às ideias são difundidas e propagadas de modo que um leitor desatento não percebe as tendências sobre aquilo que é publicado pelos periódicos. Quero dizer, a imprensa impressa pode ser vista como dispositivo de controle, ou seja, uma ferramenta empregada para moldar os comportamentos dos indivíduos que se pretende atingir.

Vale lembrar, que os periódicos como veículos de propagandas políticas, não devem ser vistos de forma completamente negativa. Pois, um consumidor atento percebe as forças ideológicas que estão atuando nas notícias. Aliás, os historiadores que tem os periódicos como objeto de análise ou como fonte de investigação devem distinguir em que momento o periódico é "neutro" e "parcial". Quer dizer, enquanto veículo/instrumento o

periódico assume essas posições (“neutro”, “parcial”) a partir da intervenção de forças humanas. Assim,

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (LUCA, 2008, p. 118).

Até aqui, aparentemente essa fonte é problemática demais e lidar com ela pode ser muito perigoso, se não submetida a uma crítica rigorosa. Vale lembrar, que nenhuma fonte é “neutra”, nem mesmo as fontes oriundas de “arquivos oficiais”. Essas que, do ponto de vista metódico do século XIX, seriam imparciais, conteriam a “verdade dos fatos” e onde o papel do historiador era secundário, ele serviria apenas para organizar esses documentos em series e esses falariam por si só. Que ilusão! Depois, houve uma revolução na historiografia, no tipo de historia e na função do historiador. Outras eras se abriram para a história...

PRODUTO FINAL DOS PERIÓDICOS

Uma preocupação para o pesquisador sempre foi e ainda é a da veracidade dos documentos e dos conteúdos documentais ou ainda da falsificação destes, no nosso caso, do produto final dos periódicos, desse modo, avaliar se o documento é falso ou não é um passo importante na pesquisa, mas o historiador deve ter uma postura de dúvida, não possuir credulidade, mesmo diante do mais autêntico dos testemunhos. Marc Bloch (2001, p. 96) classifica a falsificação em duas formas “Em primeiro lugar, o embuste sobre autor e data [...] em seguida o embuste sobre o conteúdo”.

Um produto dos periódicos é a notícia e o conceito de notícia dentro de jornalismo, hoje, é bem específico. Nesse cenário, notícia é qualquer acontecimento, algo que afeta um grande número de consumidores, ou seja, se a notícia é boa uma ruim, não é a questão mais relevante, pois o que importa é que ela repercuta, crie impacto, ou em termos populares, que ela “dê IBOPE”. Em qualquer caso, vale ressaltar que quem informa, pode até

opinar, se posicionar em relação aos dados da informação, o que ocorre com frequência e regularidade. Além disso, à procura deste impacto no público leitor, o sensacional é utilizado como apelo.

Ainda mais, o tempo de produção da notícia dos periodistas é variável e relativo. Pois depende se ele possui edição e circulação diária matutina ou vespertina, semanal, quinzenal, mensal, semestral; ou ainda se é ou não especializado. Desse modo, quando um pesquisador faz uma crítica ao autor de uma determinada informação, deve levar em consideração esses fatores. Por exemplo, um pesquisador crítica uma publicação, diz que ela deixou de relatar diversos fatos do acontecimento. Porém, o autor do texto poderia fazer parte de um periódico diário e por melhor que fosse o autor e suas ferramentas, ele não teria tempo suficiente para analisar o fato em profundidade.

Com efeito, os periódicos, não sempre, se compõem em geral de notícia, propaganda e entretenimento. Respectivamente, notícia seria a informação sob diversas formas, propaganda é tentar vender algo, seja material ou ideia e entretenimento seria a parte mais leve com objetivo de divertir o leitor. Mas, nem sempre esses elementos vêm tão separados assim.

Relativizando, a partir da metade do século XX, no Brasil, com a criação de cursos superiores de jornalismo e outros fatores internos e externos ao país, a notícia foi aos poucos deixando de ser de caráter opinativo, literária, ambígua para ser mais “objetiva”, clara e direta. Para Abreu (1996, p. 58), “uma nova configuração foi se impondo aos jornais e aos jornalistas na década de 50. Novas técnicas de produção e de administração foram introduzidas e uma nova linguagem se fez presente, dando prioridade à notícia em detrimento da opinião”.

Segundo Weltman (1996) o interesse pela tal “objetividade” era para facilitar a leitura do leitor e aumentar o público consumidor, então, foram criadas diversas técnicas, uma delas é a valorização da primeira página, onde antes se veria mais textos extensos, agora daria espaços para imagens e títulos. Desse modo, o leitor leria o periódico e na primeira página identificaria a informação de seu interesse e indo, caso desejasse, direto ao texto escolhido. Ainda mais, o texto, era feito, nesses casos, com novas técnicas como a técnica do *lead*, quando o essencial vem no primeiro parágrafo do texto, tentando de imediato responder

quem, onde, quando, como e porque, conforme Amaral (1978, p.66), “Lead passou a designar, há muito, em jornalismo, ‘o parágrafo sintético, vivo, leve, com que se inicia a notícia na tentativa de fugar a atenção do leitor’”, assim o leitor captava a mensagem logo no início e se gostasse, lia o texto completo de forma mais detalhada. Esse é um modelo moderno de produção de notícia, com a especialização dos profissionais da área com a criação de cursos superiores. Essas e muitas outras técnicas podem ser consultadas na obra de Bahia (1990), especialmente no capítulo subsequente: Técnica de jornal, também na obra de Abreu (1996), onde são expostas as transformações na imprensa ocorridas a partir da década de 50. Mas, vale recordar que para quem estuda os periódicos do período colonial até o decreto de 1822, por exemplo, as condições políticas, econômicas, sociais e de ideias eram outras, não existiam técnicas especializadas para influenciar um público amplo, até porque esse público não existia, produzir um periódico custava um alto preço e seus consumidores finais eram bem restritos para aqueles que sabiam ler e tinha condições de comprar.

“Objetividade” pode passar a ideia de isenção, sem intenção, então é preferível entender a notícia com a ideia de fidelidade, não fidelidade do fato, mas fidelidade daquilo que se quer passar, como e através de que canal. Se o veículo passar a informação da maneira que lhe interessa, então esse “atingiu a fidelidade”. De acordo com Berlo (1960, p. 43) “Havendo um objetivo a comunicar e uma resposta a obter, o comunicador espera que sua comunicação seja a mais fiel possível. Por fidelidade, queremos dizer que ele obterá o que quer”. Nesse sentido, deve-se levar em consideração os fatores que reduzem ou aumentam essa fidelidade.

DIGITALIZAÇÃO

Um problema considerável para quem utiliza os periódicos como fonte de investigação científica são as condições materiais de preservação (ou de decomposição!) dos jornais, revistas e outros, principalmente, quando esses são muito antigos. Perde-se aqui não só uma prova documental, mas a história de um povo e a possibilidade de revisão pelas gerações futuras. Para amenizar esses problemas, se têm utilizado de tecnologias digitais, através do recurso da digitalização dos documentos é possível uma melhor preservação e

reprodução do material, o que no final ainda se pode disponibilizar no mundo virtual, pois a super-rede interativa, internet, permite não só preservar, como supera outras questões como a distância, por exemplo, o pesquisador pode acessar os documentos de uma região distante dentro de sua própria casa ou de uma biblioteca qualquer.

Por outro lado, a digitalização de uma grande quantidade de documentos exige recursos financeiros, técnicos e humanos, é um processo lento que exige uma série de cuidados, técnicas e manejo do material; e ainda há o antigo problema de sua guarda. Há ainda que se pensar que a valorização das hemerotecas físicas ou *on-lines* variam de local para local e nesse processo deve-se levar em conta o interesse público e privado, principalmente dos veículos de informações, em investirem na conservação de acervos. Para isso é necessário toda uma conscientização da importância desses documentos não só para historiadores, mas para os mais variados pesquisadores e ciências voltados para o homem.

CENSURA E LIBERDADE DE IMPRENSA

O periódico, como já foi dito, pode ser de capital privado, público e misto. Logo, a variedade de notícias e públicos alvos tornam-se imensos. Nesse cenário, dependendo do regime na qual esses veículos estão inseridos, os vários periódicos podem mudar de posição em relação à ordem, muitos se tornam contra e outros a favor. Como o poder de influência da mídia sobre as massas é grande, em muitos casos a ordem acaba por sancioná-los de varias formas. Luiz Amaral diz (1978, p.24), "Se há censura é porque há temor quanto ao resultado da divulgação de tal ou qual informação, de tal ou qual comentário".

Vale ressaltar, que nem sempre os periódicos tiveram, como hoje, capacidade de influenciar tanto a opinião das massas. É necessário relativizar, dependendo do objeto de investigação e da época, a força da censura pode variar. Agora, vamos recordar alguns contextos onde a censura atuou de forma descarada. Antes do século XIX, de acordo com Juarez Bahia (1964, p. 14) "O regime de Portugal, por todo o tempo da colônia, asfixiou a manifestação do pensamento por meio da palavra impressa". Depois, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 veio junto à primeira tipografia oficial, a imprensa regia, mas tudo passava pelas vistas do governo. Por outro lado, tinha o Correio Brasiliense,

livre de censura, pois era produzido na Inglaterra e, mesmo clandestinamente, conseguia atingir um público significativo no Brasil, também existiam outros periódicos clandestinos fora ou dentro do Brasil em sua maioria com pouca duração devido aos entraves do governo. Vários são os motivos para essas ações do estado, pois durante os séculos anteriores houve diversas revoluções como Inglesa, Francesa, Independência do EUA em sua maioria em maior ou menor velocidade com ideias de igualdade, liberdade, direitos do homem, liberalismo, república, democracia e outros pensamentos que iam de contra os interesses de uma monarquia, desse modo, foi criado um sistema de vigiar e punir para qualquer impresso manifestando tais ideias. O sistema permaneceu assim até o decreto de 1822 com a anulação da censura prévia.

Outro exemplo, foi no governo Vargas, em 1937 cria o DIP (Departamento de imprensa e propaganda), esse veículo tinha duas características, censurar e promover a propaganda política de Vargas. Nesse sentido, nenhum periódico poderia ser divulgado se houvesse alguma crítica ao regime. Em seguida, citaremos o Ato Institucional n. 2, no contexto da ditadura, esse instrumento permite ao presidente modificar itens da constituição, inclusive os direitos da imprensa. Esses são exemplos de algumas épocas, mas mesmo sendo fora dessas épocas, o cuidado é o mesmo. Pois, quando o sufocamento da liberdade de expressão não é praticado diretamente pelo governo, é empregado por outros motivos, como oposição, ideologia, monopólio, intriga e etc².

Para quem toma a imprensa como objeto de investigação, deve saber que se há censura em determinada época, há também a imprensa que resiste e luta contra a censura pela liberdade de expressão e mesmo contra a ordem. Sem contar outros tipos de publicação à margem de processos eminentemente políticos.

No primeiro período citado, por exemplo, Sodré (1999) afirma que no início do século XIX, paulatinamente foram surgindo clandestinamente ou não, fora ou dentro do Brasil, de duração longa ou curta, periódicos doutrinários (conjunto de princípios) em maior ou menor grau a favor de uma constituição e da independência do Brasil, pois existiam aqueles mais conservadores, queriam a independência e uma constituição, mas que as estruturas permanecessem as mesmas, sem grandes mudanças, uma monarquia

² Sobre o assunto, ver Bahia (1990, p. 75-80), no tópico XX, Desvios da liberdade de imprensa. Esse tópico analisa a questão da liberdade de imprensa em diferentes contextos.

constitucionalista, ao contrario dos mais liberais que queriam mudanças profundas na sociedade e mais liberdade para a imprensa, inclusive que o próprio Dom. Pedro I ficasse submetido às leis³. “Assim, o processo da independência foi longo, tortuoso, cheio de altos e baixos, com avanços e recuos, dependente de muitos fatores. Tudo isso influenciou na imprensa do tempo; e em tudo isso influenciou a imprensa do tempo” (SODRÉ, 1999, p.44).

Bons exemplos para se pensar a imprensa em seus contextos. As conjunturas que envolvem a imprensa sempre foram controversas. Para os historiadores mais “tradicionais” ela não serviria como fonte, já que,

Os periódicos parecem pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2008, p. 112).

Essa concepção de documento, de final do século XIX e início do século XX, pesou muito sobre o uso do periódico como fonte, muitos historiadores do século XX negaram a aceitar os periódicos. Mas, a partir da “revolução documental” da escola dos *Annales* somos levados a ver e refletir a partir de novas fontes de pesquisa.

Para compreender um fato no tempo remoto ou recente, é necessário considerar todos os vestígios sem hierarquias, não há documento mais ou menos importante, quando se diz que um testemunho, entendendo esse termo como vestígio, não tem nada a dizer, é apenas a nossa incapacidade de fazê-lo falar se manifestando, logo, todo testemunho tem algo a dizer, basta que o historiador faça a pergunta adequada para tal.

Assim, os pesquisadores contemporâneos começam a vencer as barreiras da postura metódica. Hoje, a história possui uma vasta metodologia para trabalhar essas problemáticas. Depende, claro, da capacidade do pesquisador de usar essas ferramentas. A seguir, iremos abordar como o historiador pode melhor lidar com os problemas dos periódicos enquanto fonte.

³ A respeito da matéria, ver Sodré (1999, p. 9-82). Os dois primeiros capítulos discorrem de forma minuciosa os detalhes do processo de elaboração da constituição e da independência e como os periódicos influenciaram nessa dinâmica.

MÉTODOS PARA LIDAR COM AS PROBLEMÁTICAS DOS PERIÓDICOS

Vale lembrar, não temos a pretensão de fornecer metodologias que resolvam todas as problemáticas da fonte em questão. Luca (2008, p.141) afirma que “a variedade de fonte imprensa é enorme e suas possibilidades de pesquisas são amplas e variadas”. Assim, analisaremos alguns recursos metodológicos que encontramos nas pesquisas, comparando-os.

A história dos periódicos, no Brasil, engloba um período de mais o menos dois séculos, do início do século XIX até os dias atuais em pleno início século XXI. Percebe-se que é um tempo longo e uma das primeiras tarefas do historiador ao trabalhar com esse material na sua pesquisa é situar, contextualizar seus documentos no espaço-tempo. A seguir sublinharei algumas sugestões apontadas no livro *Fontes históricas* de Pinsky (2008) e outras obras.

Uma primeira sugestão é encontrar as fontes e constituir uma longa e representativa série. Mas, é interessante adotar diversos tipos documentos, periódicos da época e/ou até outros tipos de dados (qualquer forma de registro) que de forma direta ou indireta tratam do fato abordado afirmando-o ou negando-o. De acordo com José Honório Rodrigues (1978, p. 408): “A fidedignidade pode e deve ser estabelecida pelo controle de outras fontes”. Isto se constituiu como procedimento obrigatório para historiadores: cotejar os documentos.

A segunda sugestão seria a de localizar as publicações em uso na história da imprensa. Em outras palavras, encontrar trabalhos que de forma direta ou indireta tratem do objeto da pesquisa. Afinal, a própria produção dos jornais e revistas possui sua própria dinâmica, suas próprias referências e seus contextos imediatos.

A terceira sugestão seria atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão; papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade). Veja o que diz Tania Regina de Luca (2008, p. 132), “É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural”. Ou seja, o historiador não pode desprezar o processo de materialização do periódico. Pois, esse envolve uma série de fatores (matéria-prima, recursos humanos, financeiros e outros) que variam de acordo com a época e revelam diversos dados do contexto no qual foi produzido.

Penetrando nessa questão, inferimos que na passagem do século XIX para o XX, a tipografia gradativamente vai deixando de ser artesanal e passa a ser cada vez mais de caráter industrial. Juarez Bahia (1990) classifica essa transição como fase de consolidação⁴. Contudo, essa tecnologia não se expandiu com a mesma velocidade para todas as regiões do Brasil, tendo o Sudeste sido o primeiro a beneficiar-se com as novas invenções, de acordo do Bahia (1990, p. 48), “dentre esses investimento na indústria gráfica, contam-se em primeiro lugar jornais cariocas e paulistas, vanguardeiros na moderna indústria gráfica do Brasil”.

Na fase inicial, 1808 até 1880, as condições de produção do jornalismo eram difíceis por fatores que englobavam todo o processo organizativo, baixos salários, alto custo do papel e outras matérias primas, dificuldades para fazer circular o produto final, limitado número de consumidores, fatores externos como o empastelamento etc, segundo Bahia (1990, p.27), “a obra do jornalismo no Brasil requer pesados sacrifícios pecuniários”. Posteriormente, Bahia (1990) diz que o processo industrial da fase de consolidação afetou, aos poucos, toda a organicidade do fazer jornalismo como divisão e especialização das funções, ainda mais, à medida que a produção em larga escala se difundia e os investimentos cresciam, o maquinário e as técnicas iam se aperfeiçoando, permitindo a variedade de assuntos e a impressão a cores.

Uma quarta sugestão seria a de assenhorear-se da forma de organização interna do conteúdo. Quer dizer, a forma como as notícias estão estruturadas dentro do periódico. Nesses últimos dois séculos o jornalismo acumulou muita experiência e aprimorou suas técnicas e para entender o processo de comunicação, é necessário saber os componentes desse processo. Desse modo, é necessário analisar a reportagem, como está organizada a informação, a reportagem moderna é dividida em três partes: Título, Lead e Corpo.

O título é a síntese da notícia; O lead é o primeiro parágrafo e nele esta o essencial da notícia disposta na tentativa de capturar a atenção do leitor; O corpo é a notícia completa, detalhada e narrada em toda sua cronologia. Os especialistas criaram várias formas de articularem esses componentes, depende da notícia, dos objetivos com ela e o público alvo.

⁴ Bahia (1990) classifica a história da imprensa brasileira em três fases: a inicial de 1808-1880, a da consolidação de 1880-1930 e a moderna a partir de 1930. Cada época possui elementos que as diferenciam como técnicas, condições de produção e etc.

Depois, outro cuidado seria o de caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação. Infere-se que o jornal passou a ter cores, fotografias e ilustrações ganharam muito espaço dentro dos periódicos. Vale destacar, que esses elementos não só complementam o texto, pois também são textos expressos de forma diferente. As ilustrações são importantes na medida em que, por exemplo, não exigem um público alfabetizado, ampliando o número de leitores.

A sexta sugestão seria a de caracterizar o grupo responsável pela publicação. Nesse caso, identificar principalmente o autor da notícia. Investigar as condições de trabalho do escritor, identificar a sua postura a respeito da notícia, a que grupo(s) pertence o periódico, quais seus interesses. Levar em consideração o contexto político-social que levou o autor a escrever tal informação, se possível. Veja,

Nesta etapa, a crítica histórica procura estudar as condições de conhecimento do autor. Foi ele ou não forçado, por motivos sociais, políticos e econômicos, ao escrever suas informações? É preciso, então, conhecer o autor e as condições de sua vida. Muitas vezes, ele podia querer apenas velar pela sua situação social e não contar a verdade. (RODRIGUES, 1978, p. 408).

Por exemplo, de acordo com Sonia (2008), O Cearense (periódico que surgiu no Ceará em 1846) era ligado ao partido liberal regional, que tinham ideais e esses ideais eram manifestos nas suas informações. Tudo isso dentro de um jogo de forças e de relações sociais e políticas, muito delicadas. Em virtude disso, os editores e autores das notícias recebiam ameaças, sofriam perseguições não só política dos seus opositores. Por isso era comum os autores das informações utilizarem pseudônimos para “despistar” a autoria. Tudo isso, para entender o contexto no qual a notícia foi produzida e assim compreender tal postura do autor diante de sua publicação. Ainda mais, conforme Bahia (1990), muitos periódicos possuem o seu programa de ação, seria um documento com os princípios da organização, é importante conferir se há ou não tal documento para cada periódico investigado.

A sétima sugestão seria de identificar os principais colaboradores. Nesse caso, antes se deve identificar se o periódico é público, privado ou misto. Se for privado, então parte-se do princípio de que esse não está submetido às imposições do governo e de outros grupos. Logo, tem dependendo do contexto político, mais liberdade em suas publicações.

Mas, se deve realmente investigar a fundo se o que se diz privado realmente o é. Se for público, deve-se redobrar os cuidados na análise da notícia, pois parte-se da ideia de que os governos são cautelosos nas suas informações, manipulando-as de forma eficaz e com interesses próprios. Quer dizer, governos não sairiam comunicando seus erros, problemas internos, de gestão, corrupção através de seu(s) veículo(s). No máximo, essas informações sairiam/saem o mais "eufemizadas" possível. Caso o órgão seja de propriedade de parceiros públicos e privados (misto), deve-se pesquisar qual possui a maior porcentagem do periódico e se aplicam os demais cuidados.

A oitava sugestão seria identificar o público a que se destinavam/destinam os periódicos. No século XIX, no Ceará, ter condições de consumir jornais era um fator de distinção na sociedade. Nesse cenário, ainda temos uma população em sua maioria analfabeta. Desse modo, percebe-se um contexto social a partir da identificação do público alvo. Vale ressaltar os periódicos especializados, esses tem o objetivo de atingir um determinado público.

Também identificar as fontes de receita da informação produzida. Na medida em que o século XX foi passando, os periódicos expandiram-se cada vez mais e aos poucos o processo de produção da notícia passou a compreender muitas fontes. Assim,

De um ponto de vista formal, as fontes podem ser assim resumidas: 1. O repórter; 2. O correspondente; 3. As agências noticiosas; 4. As sucursais do interior e do exterior; 5. As agências de variedades; 6. Os informantes; 7. As entidades públicas e privadas, sindicatos, associações etc.; 8. Os setores de relações públicas governamentais e privados; 9. Os amigos do pessoal e do jornal; 10. O "pessoal voluntário". (BAHIA, 1964, p. 147).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem muitas formas de como os pesquisadores podem utilizar essas fontes. O estudioso pode, apenas, mostrar uma notícia, usa-la como prova para comprovar algum argumento sobre um acontecimento sem se aprofundar nas sugestões elencadas a cima, ou ele pode confrontar o ponto de vista de dois periódicos em relação a um acontecimento, ou pode analisar as informações do veículo e confrontar seus dados com outras fontes de investigação.

Enfim, a manipulação das fontes depende em primeiro lugar da existência de documentos e, em seguida, dos objetivos do pesquisador.

Percebemos que as problemáticas existem e que não há um método pronto, fechado ou absoluto que dissolva essas questões. Nesse sentido cabe ao historiador desenvolver uma análise crítica minuciosa, criticar entendido aqui como questionar, interrogar o documento, capacidade para lidar com a falta ou excesso de fontes, entender o documento como produto de relações humanas e desvendar sua conjuntura, ainda mais, criticar não é só duvidar, buscar desvendar, o historiador não deve ser apenas capaz de avaliar o grau de credulidade em relação a um testemunho, mas saber fazer compreender o próprio embuste, pois esse também teve suas inspirações e uma metodologia adequada para lidar com os problemas da fonte utilizada. A metodologia seria o processo (ou o conjunto de técnicas) que o historiador utiliza para obter seus resultados como, por exemplo, a problematização do tema, a comparação, a aplicação de teorias, modelos, conceitos e etc.

Segundo Le Goff (1994, p. 110) “Nenhum documento é inocente. deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser des-estruturado, des-montado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também desmitificá-lo”. Em outras palavras, o historiador deve desmitificar as problemáticas que envolvem essa fonte. Espremê-la, fazer aparecer o que não se ver, fazer gritar o que está em silêncio. Pois, não é documento que faz a história. Quem faz a historia, quem faz os documentos, quem dá voz aos "vencidos e ganhadores" é o historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de; WELTMAN, Fernando Lattman; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. (Orgs.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1978.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BERLO, David K. *O processo da comunicação*. Fortaleza: Editora Fundo de Cultura, 1960.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SONIA, Maria de Meneses Silva. Nação de papel: O jornal como possibilidade de investigação histórica na problemática da construção nacional do século XIX. In: FREITAS, Antonio de Pádua Santiago de; BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto; DAMASCENO, Francisco José Gomes. (Orgs.). *Pesquisa histórica: Fontes e trajetórias*. Fortaleza: EdUECE/ABEL, 2008. p. 13-27.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

MATOS, A.C. A digitalização do acervo documental da hemeroteca municipal de Lisboa: uma primeira abordagem ao suporte eletrônico, a partir do jornal Os Ridículos. In: *Colóquio Biblioteca e Novas Tecnologias*, 2000, Lisboa. p. 77-85.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da história do Brasil: introdução metodológica*. 5. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

Artigo recebido em abril de 2014. Aprovado em junho de 2014.